

SANTOS, Vivaldo Andrade dos. *O trem do corpo. Estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Nankin Eitorial. 2006.

Célia Pedrosa

O livro *O trem do corpo. Estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade*, de Vivaldo Andrade dos Santos, recentemente publicado (São Paulo, Nankin, 2006), é, sob diversos aspectos, bastante interessante. Ressalta, de início, o fato de ser explicitamente motivado por um empenho de releitura que começa por atingir o próprio conhecimento já adquirido pelo autor sobre seu objeto de estudo. De fato, como ele mesmo esclarece na página inicial de seu livro, este é fundamentado em uma tese de doutoramento sobre a construção da subjetividade lírica em Drummond. Mas, em vez de simplesmente reproduzi-la, tenta ao contrário suprir uma falta nela percebida – a da análise sobre a relação entre tal construção e a figuração do corpo na obra do poeta. Essa tentativa vai resultar não em um simples acrescentamento temático, pois, ainda segundo o autor, exige uma mudança de perspectiva, que possibilite a compreensão articulada dos livros analisados na tese, aqueles escritos de 1930 a 1945 – *Alguma poesia*, *Brejo das almas*, *Sentimento do mundo*, *José, Rosa do Povo* – e *O amor natural*, publicado em 1992, cinco anos após a morte do poeta.

Para alcançar seu objetivo, Vivaldo empreende também uma arguta releitura de textos de referência da fortuna crítica de Drummond, nela apontando a clamorosa ausência da questão a incompreensão ou minimização da importância da questão do corpo, ou mesmo sua clamorosa ausência. A começar pela crítica de Mário de Andrade, que enxergaria na tematização drummondiana do corpo, de sua “verdade tão final” e de sua “sede tão vária” (conforme os versos do poema *O quarto em desordem*, que Jonh Gledson lembra na Apresentação ao livro de Vivaldo), apenas a dificuldade de refinamento, de humor, de elaboração poética. Merece ressalva aqui o fato do autor – apesar de referir-se às cartas enviadas por Mário a Drummond – ler Mário quase sempre através de determinados comentaristas seus, como Telê Porto Ancona Lopez, parecendo assim evitar um confronto mais intenso e pessoal com suas posições. Mas é de inegável importância essa retomada, que inclusive lança luz sobre problemas da fortuna crítica do próprio Mário, em que a questão erótica sempre foi muito recalcada. Assim, se ao comentar a visão crítica de Tristão de Athayde, que viu na poesia drummondiana uma tendência à espiritualização e à consequente desvalorização do corpo, Vivaldo alerta para os riscos de uma perspectiva religiosa conservadora, essa sua retomada de Mário, assim como a de críticos mais recentes, como Affonso

Romano de Sant'Anna - para quem, segundo ele, o corpo só ganharia força em Drummond a partir de Sentimento do mundo, associado a uma descoberta da temporalidade sócio-histórica -, implica um interessante convite à problematização do discurso crítico canônico, mais "progressista", sobre a poesia moderna e suas relações com os desafios e aporias da modernidade.

De fato, na relação por esse discurso estabelecida com a poesia drummondiana predominaria de um lado uma perspectiva político-sociológica, de outro a ênfase formal, ambas antiexpressivistas, operando dicotomicamente mas de modo semelhante no esvaziamento de aspectos e questões ligados à subjetividade individual e ao erotismo. Nesse contexto, o autor percebe com acuidade a diferença provocativa da crítica de um João Luiz Lafeté, tal como dirigida à análise da "figuração da intimidade" na poesia de Mário de Andrade. Do mesmo modo, recupera as leituras de José Guilherme Merquior sobre a relação entre o corporal e o grotesco antitrágico no poeta mineiro, e as de Mirella Lima e Silviano Santiago, sobre a força que nele tem a tematização do desejo erótico. Além da de Vagner Camilo, que problematiza a relação entre poesia e vida intelectual e política de Drummond - problematização que Silviano Santiago já iniciara, em relação ao intelectual modernista, e que implicou importante revisão da mítica revolucionária de nosso modernismo.

Essa revisão, em que muitos enxergam um esvaziamento pós-modernista da força crítica e utópica da poesia, da arte e da política modernas, eu prefiro considerar como um processo de perlaboração, segundo o conceito freudiano atualizado por Jean-François Lyotard, em que as contradições, lacunas e aporias da própria modernidade são mais uma vez mobilizadas, libertando-a de uma imagem estereotipada e improdutiva que, nos dias presentes, serve apenas como alimento de um saudosismo desesperançado. Tal perlaboração seria também o eixo de uma releitura teórica que abala os fundamentos de certa concepção de modernismo tal como definida, quanto à literatura europeia, pelo clássico estudo de Hugo Friedrich, cuja ênfase no estranhamento e na obscuridade, decorrentes de procedimentos de ruptura formal, vem acompanhada justamente do desinteresse por questões relativas à vida individual, à afetividade e à corporalidade - questões que hoje retornam ao centro do debate literário, despidas, é claro, do simplismo determinista com que as abordavam as leituras expressivistas características do impressionismo do início do século XX.

O livro de Vivaldo tem, por isso, também o mérito de dialogar explicitamente com esse processo de releitura, de modo tanto a contextualizar sua própria perspectiva quanto a sugerir possíveis desdobramentos que com ela se potencializam, quanto a nossa história literária e intelectual, cujo interesse vai muito além do estudo específico da poética drummondiana. Pois face

a essa tradição o corpo funciona como signo de um não saber, como desafio que se impõe a todas as formas totalitárias de racionalidade teórica e metodológica, segundo uma consideração que Vivaldo vai buscar em Gilles Deleuze e vai remeter tanto a Spinoza, quanto a Nietzsche e a Sartre. Na tentativa de aceitar o desafio proposto por esse signo tão intenso quanto interrogante, tão pleno de presença e vida quanto de silêncio, vazio, e morte, e evitando o reducionismo de um único modelo interpretativo, Vivaldo opta por mover-se por entre noções e valores de ordem diversa - estética, filosófica, sociológica, religiosa, psicológica e histórica.

Dentre os inúmeros efeitos produtivos de sua opção, poderíamos ressaltar, nos estreitos limites dessa resenha, a discussão sobre a corporalidade grotesca, rejeitada por Mário de Andrade, e sobre as relações que ela permite estabelecer entre a poesia drummondiana e a subjetividade barroca, de um lado, assim como com uma estética do feio próxima ao expressionismo vanguardista, mais presente segundo Vivaldo em Alguma poesia. O excesso e a fragmentação corporais, além disso, associados pelo crítico a um propósito de embriaguez dionisíaca, mais visível em Brejo das Almas, são vistos como figuração de uma contraditória relação entre otimismo e niilismo, ludismo modernista e pessimismo decadentista, através da qual se figuraria uma também contraditória relação entre subjetividade individual e poética e vida social e política moderna. Nessas contradições, além do mais, Vivaldo aponta a possibilidade de desestabilização da associação simplista entre modernismo, ruptura e progressismo, evidenciando seus problemáticos vínculos com a memória e a tradição - conforme precursoramente apontado por Silviano Santiago, em ensaio por ele referido.

Também é importante no texto de Vivaldo o empenho em trabalhar o corpo e o erotismo de modo a que evidenciem que o desejo do corpo do outro e, através dele, o reconhecimento do próprio corpo, mobilizem questões tanto afetivas quanto sociais e políticas, ultrapassando a questão propriamente amorosa ou erótica e problematizando dicotomias já clássicas da crítica literária. Vivaldo nos mostra, nesse sentido, através tanto de reflexões de caráter mais genérico quanto de interessantes leituras pontuais de diferentes textos e momentos da obra drummondiana - inclusive articulando a poesia dos livros selecionados com a rica e ainda pouco estudada prosa de Confissões de Minas e Passeios na ilha - que na poesia de Drummond, como na verdade em todo saber, o corpo é signo simultâneo de gozo e dor, atração e repulsa, potência e impotência, cifrando de forma paradoxal, descontínua, a mínima e imensa condição desse "bicho da terra tão pequeno" que, segundo diz o poeta, somos cada um de nós e toda a humanidade.

Nenhum esforço desse porte vai sem problemas. Nesse sentido, talvez possa ser de alguma utilidade notar que a vontade desconstrutora de Vivaldo deveria levá-lo a incluir no corpus de análise o livro *Claro enigma*, transformado pela crítica em marco de uma virada classicizante e abstratizante do poeta, na qual seria por isso bastante produtivo buscar as marcas indisciplinadas da corporalidade. Além disso, creio que sua leitura se ressentisse de uma metodologia etapista, moldada na necessidade de distinguir cada livro estudado e ao mesmo tempo apontar para uma evolução diferenciada da tematização corporal - o que vai sendo questionado por suas próprias análises, que a cada momento têm que retornar a temas e aspectos identificados anteriormente como típicos de um e outro livro, perspectiva e época diferentes, deixando o leitor um pouco confuso sobre semelhanças e diferenças que desse modo não logram uma articulação clara.

Isso vai afetar também o em princípio produtivo movimento que leva o autor a fugir de uma metodologia fechada através de uma rede de referências teóricas várias - movimento que deixa sem aprofundamento e articulação noções de teor muito diverso. A ousadia da aproximação tem então seu alcance prejudicado, e perdemos a oportunidade de discutir as relações entre, por exemplo, Bataille, Jameson e Nietzsche, ou Sartre, Benjamin e Deleuze. Talvez a redução desse corpus teórico, bem como o aprofundamento da discussão que a abordagem de Vivaldo nele potencializa, permitisse deixar mais claro o processo de corrosão que a figuração dummondiana do corpo impõe às concepções modernas de subjetividade, individualidade e temporalidade.